

para o grupo *espanca!*

INQUÉRITO

De Diogo Liberano

Rio de Janeiro – RJ

2 de Fevereiro a 6 de Maio de 2015

O gato que brinca com um novelo como se fosse um rato – exatamente como a criança fazia com antigos símbolos religiosos ou com objetos que pertenciam à esfera econômica – usa conscientemente de forma gratuita os comportamentos próprios da atividade predatória (ou, no caso da criança, próprios do culto religioso ou do mundo do trabalho). Estes não são cancelados, mas, graças à substituição do novelo pelo rato (ou do brinquedo pelo objeto sacro), eles acabam desativados e, dessa forma, abertos a um novo e possível uso.

[...]

O jogo com o novelo representa a libertação do rato do fato de ser uma presa, e é libertação da atividade predatória do fato de estar necessariamente voltada para a captura e a morte do rato; apesar disso, ele apresenta os mesmos comportamentos que definiam a caça. A atividade que daí resulta torna-se dessa forma um puro meio, ou seja, uma prática que, embora conserve tenazmente a sua natureza de meio, se emancipou da sua relação com uma finalidade, esqueceu alegremente o seu objetivo, podendo agora exhibir-se como tal, como meio sem fim. Assim, a criação de um novo uso só é possível ao homem se ele desativar o velho uso, tornando-o inoperante.¹

1 – AGAMBEM, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007, P. 74-75.

Personagens²

ESTHER – a filha mais nova, dois anos;

JAILSON – o pai, viúvo;

O FANTASMA – a mãe, morta;

YASMIN – a filha mais velha, treze anos.

2 – (...) outro tempo não há senão o da enunciação, e todo texto é escrito eternamente aqui e agora. É porque (ou segue-se que) escrever já não pode designar uma operação de registro, de verificação, de representação, de 'pintura' (como diziam os Clássicos), mas sim aquilo que os linguistas, em seguida à filosofia oxfordiana, chamam de performativo, forma verbal rara (usada exclusivamente na primeira pessoa e no presente), na qual a enunciação não tem outro conteúdo (outro enunciado) que não seja o ato pelo qual ela se profere (...) – BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.61.

O FANTASMA – É noite agora. Minha filha de dois anos, Esther, dorme sobre a minha cama. A mais velha, Yasmin, de treze anos, está em seu quarto vendo repetidas vezes o mesmo vídeo na internet. Meu marido, Jailson, chegou do trabalho faz pouco tempo, deu um beijo nas meninas, esquentou algo para comer e está sentando no sofá da sala, frente ao televisor. Hoje, graças a um simples e persistente desejo de nossa filha adolescente, Yasmin, alguma coisa extraordinária vai acontecer em nossa casa. Ela acabou de desligar o computador em seu quarto. Ela se ergueu da cadeira e se olhou durante um longo tempo no espelho do guarda-roupa. Ela respirou profundamente e, agora\

YASMIN – Brinca comigo, pai?

JAILSON – Vai começar a novela, filha.

YASMIN – Brinca comigo.

JAILSON – Você quer brincar do quê?

YASMIN – Inquérito.

JAILSON – Inquérito?!

YASMIN – Você conhece?

JAILSON – Não é bem um jogo, né?...

YASMIN – É um jogo de pergunta e resposta. Quem responder, se não disser a verdade ou não souber nem quiser responder, apanha da pessoa que perguntou...

JAILSON – Eu não vou bater em você, Yasmin.

YASMIN – Eu também não quero te bater, pai.

JAILSON – Então para que brincar desse jogo?

YASMIN – É só para a gente brincar de ser sincero.

JAILSON – Entendi...

YASMIN – Entendeu mesmo, pai?

JAILSON – Entendi...

YASMIN – Mesmo?

JAILSON – Você quer começar?

YASMIN – Sim! Primeira pergunta: pai, como você se vê daqui a dez anos?

JAILSON – Daqui a dez anos? Eu terei minha própria empresa e estarei morando, com você e sua irmã, numa casa maior que essa. Nossa família também vai ser maior,

porque teremos um cachorro. Eu estarei muito feliz porque você vai ter se tornado uma profissional incrível (apesar de eu ainda não saber o que você quer fazer da sua vida). Daqui a dez anos eu estarei feliz, tranquilo comigo e com os outros...

YASMIN – Legal... Agora é sua vez de me perguntar.

JAILSON – Filha, você sabe por que algumas pessoas gostam tanto de ler livros?

YASMIN – Porque as coisas que acontecem nos livros quase nunca acontecem na vida. É como se os livros fizessem a nossa vida ser um pouco mais diferente, entende? Os livros tornam possível um monte de coisa que a gente não sabe viver na realidade.

JAILSON – Ótima resposta.

YASMIN – Eu fui sincera. Só isso.

JAILSON – Continue assim.

YASMIN – Segunda pergunta: de onde vem o ódio, pai?

JAILSON – Talvez ele venha do nosso espanto frente às coisas que não sabemos explicar nem resolver. Eu já senti ódio. É confuso dizer, mas o ódio é uma possibilidade. Só que eu tenho tentado não sentir mais esse tipo de coisa...

YASMIN – As suas respostas são tão abertas, pai.

JAILSON – Você está querendo dizer que eu mereço apanhar?

YASMIN – Não. Só estou dizendo que as suas respostas fogem das perguntas...

JAILSON – Talvez as suas perguntas estejam muito difíceis. Vou fazer uma pergunta difícil para você: como você explicaria, para uma criança, o que é a guerra?

YASMIN – Fácil. Eu diria: criança, a guerra é uma brincadeira de adultos onde as regras são burladas o tempo inteiro, porque adulto não sabe brincar direito e acha que, mais importante que o jogo, é vencer e ganhar mais poder e mais dinheiro. Não é isso, pai?

JAILSON – Uma brincadeira de adultos?!... Nunca tinha pensado assim...

YASMIN – Terceira pergunta: o que é o amor?

JAILSON – Ih, filha... Amor é coisa estranha. Não dá para explicar. É coisa boa, é bom amar e muito bom ser amado, mas, às vezes, o amor causa uma porção de coisas ruins... Só que ninguém sabe exatamente como amar e até hoje não inventaram uma escola para ensinar...

YASMIN – Que bonito, pai! Uma escola para ensinar como se ama!...

JAILSON – Ia ter filas e mais filas de alunos querendo se matricular...

YASMIN – E você se matricularia nessa escola?

JAILSON – Espera, Yasmin! É minha vez de perguntar!

O FANTASMA – Já faz mais de um ano que eu morri e, desde então, é como se minha família não soubesse como continuar. Eu estou morta agora, mas mesmo assim, estou aqui conversando com vocês. Isso não é necessariamente bruxaria ou coisa incapaz de se explicar: isso é teatro e, como tal, isto aqui é só uma possibilidade. Eu sei que vocês podem me ver. Eu sinto. E tudo isso eu apenas sei porque estou morta.

JAILSON – Qual foi a última vez que você sorriu?

YASMIN – A última vez que eu sorri faz um tempo. Foi quando a mamãe me levou ao cinema e a gente comprou o maior saco de pipocas que tinha. A gente nem conseguiu comer tudo. Foi um dia bom, apesar do filme ruim. Talvez eu só tenha sorrido naquele dia porque ainda não sabia que a mamãe morreria dias depois.

(...)

YASMIN – Quarta pergunta: para que serve o silêncio?

JAILSON – Para que a gente possa ouvir o que está sentindo. As coisas que a gente sente não tem voz para falar, não é verdade? Quando eu estou em silêncio eu consigo ouvir o meu coração, por exemplo, consigo ouvir meus medos e meus desejos mais profundos. O silêncio serve para isso: para ouvir melhor.

YASMIN – Que bonito. Vou ficar em silêncio para ouvir melhor o que você acabou de me dizer...

Yasmin emudece. Estão os dois sentados sobre o sofá da sala. Ela parece lacrimejar e o pai parece movido a não permitir que o jogo instaure um clima melancólico. O pai teme a melancolia.

JAILSON – Minha vez: para onde estamos indo, Yasmin?

YASMIN – Não entendi...

JAILSON – A pergunta foi clara. Para onde estamos indo?

YASMIN – Para onde estamos indo?!

JAILSON – Você tem que responder.

YASMIN – Eu sei.

JAILSON – Ou eu vou te bater.

YASMIN – Mas eu não entendi a sua pergunta...

JAILSON – Você não entendeu?!...

YASMIN – Para onde estamos indo, pai?! Para lugar nenhum! A gente está vivendo, é só isso. Para onde estamos indo? Estamos indo apenas! Vivendo apenas! Morrendo apenas\ É isso, pai... Acho que a gente está morrendo... É só isso o que há.

JAILSON – E isso não te entristece?

YASMIN – Você não pode fazer duas perguntas seguidas.

JAILSON – Então é a sua vez.

YASMIN – Quinta pergunta: você acredita que dormir é chegar mais perto da morte?

JAILSON – Sim... Uma vez o pai fez uma cirurgia e teve que assinar um documento no hospital, concordando que eu poderia morrer caso houvesse alguma complicação. Eu assinei o termo, tomei a anestesia e acordei muitas horas depois sem a pedra nos rins e sem dor. Quando acordei, eu percebi que eu havia dormido muitas horas e que a vida tinha continuado sem mim. Naquele dia, eu entendi que a morte poderia ser tão simples como dormir e nunca mais acordar...

YASMIN – Então, para você, morrer é como dormir sem sonhar?

JAILSON – É minha vez! Yasmin, você acredita que crianças são inocentes?

YASMIN – Acho que criança não vê diferença entre ser boa ou ruim. Criança simplesmente vai, criança faz, parece que tudo para uma criança não passa de um jogo. A Esther, por exemplo, eu poderia dizer que ela é uma peste insuportável, porque às vezes ela faz coisas que eu acho erradas, mas ela simplesmente é. Eu não acho que ela está pensando em fazer mal, sabe? Acho que quando a gente pensa em fazer mal, então a gente deixa de ser criança e vira adulto\

JAILSON – Você está implicando demais com os adultos, hein?

YASMIN – Eu li na internet um texto dizendo que a Primeira Guerra Mundial só foi possível porque o homem conseguiu desenvolver tecnologia suficiente para estar mais perto do outro. Eu li que as guerras só foram possíveis porque o homem conseguiu se transportar mais rápido e se comunicar melhor por meio de tecnologias mais avançadas... É triste isso, não? Imaginar que por estarmos nós dois aqui, dentro da nossa casa, próximos e reunidos, mesmo assim o que a gente mais faz é se evitar, se

afastar, se machucar... É triste isso, não, pai? Que o meu computador tenha virado meu primeiro namorado e que a televisão tenha virado a sua nova esposa\

JAILSON – Que isso, minha filha?!

YASMIN – A minha implicância com os adultos não é sem motivo, tá?

JAILSON – Já podemos parar com essa brincadeira?

YASMIN – Sexta pergunta: por que algumas pessoas sentem pena de si mesmas?

JAILSON – A primeira namorada que eu tive tinha essa mania. Ela se achava sempre pior que tudo, sempre menor e, chegou um momento, que eu disse isso a ela: parece que você faz questão de sofrer tudo isso só para que eu diga o quanto você é incrível e cheia de qualidades! E foi quando o nosso namoro terminou. Sabe por quê? Porque a maneira que ela tinha para se sentir bem era se diminuindo...

YASMIN – A sua resposta é essa?...

JAILSON – Não basta para você?

YASMIN – É preciso ser sincero, pai...

JAILSON – É o que eu tenho. Tenta você: por que as histórias têm que ter um fim?

YASMIN – As histórias têm que ter um fim para que outro início possa começar.

JAILSON – Só isso?

YASMIN – Quer me bater?

JAILSON – Ainda não.

YASMIN – Sétima pergunta: você já traiu a mamãe?

JAILSON – Que tipo de pergunta é essa? Minha filha, alguns assuntos são muito complexos para uma criança como você!

YASMIN – Eu não sou mais criança, pai.

JAILSON – Desde quando?

YASMIN – Desde quando a minha mãe – a sua mulher – foi espancada no meio da rua, por um monte de marmanjo, até morrer. Você se lembra disso, pai?

JAILSON – Essa é a sua oitava pergunta?

YASMIN – Ou você está tentando esquecer?

JAILSON – Não. Eu não me lembro. E sim. Todos os dias eu tenho tentado esquecer.

YASMIN – Você não vai conseguir.

JAILSON – Vou continuar tentando.

YASMIN – Você não vai conseguir.

JAILSON – Por quê?

YASMIN – Eu não vou deixar.

JAILSON – Como é que é?!

YASMIN – Você ainda precisa me responder à pergunta que eu te fiz.

JAILSON – Eu não vou responder.

YASMIN – Eu vou ter que te bater?

JAILSON – É essa a regra do jogo?

YASMIN – É um inquérito. Você sabia disso desde o início.

JAILSON – Eu não te dou confiança para falar de certas coisas\

YASMIN – Que pena, pai... Que pena.

Yasmin belisca, com força, o braço do pai.

JAILSON – Ai, isso dói!

YASMIN – Como você não me respondeu, eu tenho direito a fazer minha oitava pergunta, que é: quão profunda uma cova deve ser?

JAILSON – Que fixação com esse assunto! Uma cova deve ser profunda o bastante para que o corpo enterrado possa ser engolido rapidamente de volta para dentro do mundo!

YASMIN – Uau! Finalmente, pai! Alguma resposta coerente!

JAILSON – O que é a pele, Yasmin? Responda!

YASMIN – A pele é o maior órgão do corpo humano, pai. Só isso. Diriam os poetas que a pele é aquilo que há de mais profundo.

JAILSON – Resposta preguiçosa. Eu te reprovaria se fosse uma prova.

YASMIN – Mas não é. Nona pergunta: (...) Pai... Eu sonhei que eu tinha esquecido como é o cheiro da mamãe...

JAILSON – Minha filha\

YASMIN – Eu sei que você está tentando evitar esse assunto, mas não dá. Eu acordo pensando nela, eu durmo pensando nela, eu sonho todas as noites com ela, eu vejo a mamãe refletida nos olhos de todos que me olham... Eu tô virando a mamãe, sabe? A cada dia que passa a minha cara é mais a cara dela do que a minha...

JAILSON – Vamos parar esse jogo e assistir a um filme juntos?

YASMIN – Não! O jogo é o único lugar onde a gente ainda consegue conversar.

JAILSON – Escuta uma coisa, Yasmin. Eu não sei como te explicar. O pai também sente muita falta da sua mãe, eu sinto uma confusão de sentimentos que não vai acabar nunca, às vezes eu quero sumir e abandonar tudo, esquecer que eu existo, só que isso não é possível. Porque eu tenho vocês! Você e sua irmã! Mas o papai não tem que lidar com a morte da mamãe da mesma forma como você lida, entende? Eu preciso continuar – e eu estou continuando – mas vai ter que ser nesse meu tempo, devagar, ainda com todo esse luto...

YASMIN – Então me pergunta algo, pai, que possa te ajudar a continuar seguindo...

JAILSON – Que história você contaria para alguém que acabou de perder a mãe?

YASMIN – Eu contaria uma história sobre o que acontece quando uma pessoa morre, sobre como ela renasce não feito espírito, mas ainda feito matéria. Eu falaria da cova profunda, da madeira do caixão se rompendo e sendo atravessada pelo interior do mundo; falaria da carne morta apodrecendo e virando húmus, do rio que passa dentro da Terra transportando água e nutrientes, falaria que a mamãe – a mãe morta – virou ingrediente capaz de florescer árvores, flores, bichos, coisas incríveis, diria que ela é hoje carregada no bico dos passarinhos, que ela virou pólen e amanheceu lá no outro lado do planeta; lá na China uma mãe morta amanheceu girassol, serviu a mãe morta de alimento para toneladas de pequenas formigas famintas, morreu a mãe para que o mundo continuasse sendo o que é...

JAILSON – E o que é o mundo para você, filha?

YASMIN – Não pode fazer duas perguntas seguidas.

JAILSON – Você bem que leva jeito para poesia, sabia?

Os olhos de Yasmin brilham. O pai, pela primeira vez, se sente mais confortável e capaz de reverter o propósito do jogo proposto pela filha.

O FANTASMA – Yasmin realmente está se tornando alguém muito parecida comigo. Sempre fui muito persistente. Muito. É engraçado afirmar isso agora porque, no dia em que eu fui espancada por inúmeros homens no meio da rua, a minha persistência foi justamente em não fazer nada. Penso haver muita força em não fazer nada.

JAILSON – Obrigado pela conversa, minha filha.

YASMIN – Você quer parar, pai?

JAILSON – Não. Só estou te agradecendo.

YASMIN – Ah, bem... Então é minha vez. Nona pergunta: se alguém da nossa família fosse cometer suicídio, pai, quem você acha que seria?

JAILSON – Você.

YASMIN – Eu?!

JAILSON – Você! Escuta! Isso aqui é só uma brincadeira, não é? Então. Eu acredito que do jeito que você está, pensando nessas coisas todas, tentando responder todas as perguntas do mundo e ainda perguntando coisas novas, eu penso que desse jeito – olhando assim tão fundo para o dentro do mundo – eu penso que você corre o risco de ver além do que os seus olhos e o seu coração poderiam suportar. Nesses momentos, eu penso: o suicídio deve compensar. Para que a gente acalme todo o desassossego que é estar vivo.

YASMIN – Eu bem que vi uns vídeos na internet que ensinam diversas maneiras para se matar. Por isso te perguntei. (...) Depois que a mamãe morreu, eu meio que me senti responsável por você e pela Esther. A gente ficou, né, pai? A gente sobrou. Então a partir de agora, ou a gente vai junto ou a gente não vai. Ou a gente vai junto ou eu pego a chave do seu armário, tiro a sua arma lá de dentro e meto um tiro na sua cabeça, depois outro na cabecinha da Esther e, por fim, um tiro na minha boca.

O pai não sabe como reagir ao que acabou de ouvir. Um silêncio se instala e permanece.

YASMIN – É a minha vez de perguntar.

JAILSON – Promete que isso que você falou não vai mais passar pela sua cabeça?

YASMIN – Eu não tenho esse controle\

JAILSON – Promete, Yasmin!

YASMIN – Sim, seu bobo. Isso aqui é só uma brincadeira, não é? Décima pergunta: você já matou alguém, pai?

JAILSON – Nunca matei. Mas já atirei numa pessoa. Certa vez, aconteceu uma tentativa de assalto lá na empresa e o cara, que estava armado, apontou a arma para mim só que eu fui muito rápido e apontei – quase que ao mesmo tempo – a minha

arma para ele. A gente ficou um tempo se olhando e, quando eu senti que ele não ia abaixar a arma, eu fui muito rápido e dei um tiro exatamente na mão dele, na mão que segurava a arma. A arma caiu no chão e ele caiu para trás, urrando de dor. Só que junto à arma, no chão, caiu também um dos dedos da mão dele\

YASMIN – Você arrancou o dedo de um homem?!

JAILSON – Pensa que eu salvei a vida de algumas pessoas, incluindo a minha.

YASMIN – Que horror!

JAILSON – Então responde! Qual é a sua lembrança mais antiga?

YASMIN – Nossa... Eu era criança, muito pequena. E era uma pintura muito grande. Do Pequeno Príncipe. A pintura ocupava as quatro paredes de um pequeno cômodo... E ocupava o teto também... Acho que era uma saleta de uma escola... E toda vez que eu entrava lá, eu chorava, porque o Pequeno Príncipe era muito grande e me dava muito medo...

JAILSON – Isso faz, pelo menos, uns dez anos... Foi quando eu e sua mãe te matriculamos numa creche\

YASMIN – Por que as pessoas têm que morrer? É minha décima primeira pergunta.

JAILSON – Você já sabe, Yasmin. Você – inclusive – já me disse coisas incríveis hoje...

YASMIN – Sim, eu disse, mas você ainda não...

JAILSON – As pessoas têm que morrer, filha, porque a morte faz parte da vida. A morte faz parte dessa coisa toda que a gente chama de vida. Eu não sei te responder de outra forma exceto dizendo que a vida tem isso da morte junto a ela.

YASMIN – Mas como você responde isso e ainda finge que a mamãe não morreu?

JAILSON – Você não pode me fazer duas perguntas seguidas\

YASMIN – Tá certo, pai. Sua vez!

JAILSON – Você sabe dizer, vendo uma foto, se a pessoa na foto está viva ou morta?

YASMIN – Acho que o olhar de uma pessoa fotografada diz se ela está viva ou morta.

JAILSON – Respondeu depressa a pergunta, hein?

YASMIN – Se não estiver bom para você, pode me bater\

Jailson belisca, com força, o braço da filha.

YASMIN – Repetindo a minha décima primeira pergunta pela segunda vez: por que você está tentando esquecer que a mamãe morreu, pai?

JAILSON – Eu não vou responder.

YASMIN – Responde, pai.

JAILSON – Não vou.

YASMIN – Responde.

JAILSON – Não.

Yasmin se ergue do sofá e esbofeteia o pai com muita força. Ele solta um grito alto, tomado de dor e susto. Yasmin se mantém de pé, firme e estática, enquanto o pai resta caído ao chão.

O FANTASMA – No dia 3 de maio de 2014, após um boato divulgado no Facebook, fui confundida com uma mulher acusada de usar crianças em rituais de magia negra e fui linchada no meio da rua. O que fazer? Eu apenas concordei em me tornar aquilo que aqueles homens quiseram fazer de mim: corpo morto, machucado e pisoteado, corpo atropelado e, por terra, arrasado. Morri dois dias depois, no dia 5 de maio de 2014, no Hospital Santo Amaro, em Guarujá, cidade no litoral do estado de São Paulo. Meu nome era Fabiane Maria de Jesus e, tal como Jesus – que eu nunca conheci, nem mesmo agora, morta – tal como Jesus eu morri aos 33 anos. E agora estou aqui com vocês, neste teatro, ansiosa por aquilo que minha menina Esther fará acontecer. Alguma coisa extraordinária acontece neste exato instante dentro da minha casa.

Cambaleante, com cara de sono, Esther surge na sala. Traz na boca uma chupeta de plástico e, na mão, uma fralda branca de algodão.

ESTHER – Vocês estão brigando?

JAILSON – Brincando\

ESTHER – Eu quero!

JAILSON – É tarde\

ESTHER – Eu quero brincar!

JAILSON – Já é tarde, filhinha\

ESTHER – Mas eu quero!

JAILSON – Vamos assistir a um filme?

ESTHER – Vocês estavam brigando, né?

JAILSON – Não, filha...

ESTHER – Então vocês estavam brincando?

JAILSON – Sim...

YASMIN – Viu?

ESTHER – Viu, pai?

YASMIN – A Esther também quer brincar.

ESTHER – É, pai. Eu também quero brincar!

Esther larga sua chupeta e a fralda sobre o sofá. Yasmin mais perto do que desejava.

YASMIN – Quer explicar as regras?

JAILSON – Não\

ESTHER – Eu explico\

YASMIN – Calma, Esther! Você nem conhece o jogo\

ESTHER – Que jogo?!

YASMIN – Se chama Inquérito.

ESTHER – Eu quero!

YASMIN – As regras são simples: você pergunta, o pai responde. Se ele mentir ou não quiser responder, você tem que bater nele.

ESTHER – Mas eu não quero bater no papai.

YASMIN – Então ele vai precisar ser sincero.

ESTHER – Eu não gosto de brincar de bater.

YASMIN – Mas é brincadeira. Você pode fingir que está batendo, entendeu?

ESTHER – Pode dar beliscão, pai?

JAILSON – Beliscão pode.

ESTHER – E pode bater com o travesseiro?

YASMIN – Pode sim... Pode usar as almofadas do sofá se você quiser...

Esther fica de pé sobre o sofá e apanha uma almofada, ansiosa pelo jogo.

YASMIN – Quer começar, pai?

ESTHER – Eu quero começar, pai.

JAILSON – Começa então...

YASMIN – Faz uma pergunta\

ESTHER – Eu já entendi, Yasmin...

YASMIN – Então pergunta\

ESTHER – Pai, por que mataram a mamãe?

Jailson se ergue do chão, mas permanece de pé, frente às filhas sentadas no sofá.

JAILSON – Mataram a mamãe, filha, porque confundiram ela com outra pessoa.

ESTHER – Minha vez!

YASMIN – Não. Uma vez você, outra eu, depois o pai\

ESTHER – Quero de novo\

YASMIN – Espera a sua vez!

JAILSON – Agora é sua irmã quem vai perguntar, Esther...

YASMIN – Pai, se você pudesse se resumir numa única palavra, que palavra seria essa?

JAILSON – Humilde.

YASMIN – Ótima resposta, pai.

JAILSON – Fui sincero. Só isso.

YASMIN – Sua vez de perguntar.

JAILSON – Eu não tenho mais nada a perguntar\

ESTHER – Então sou eu?

YASMIN – É\

ESTHER – Pai, por que mataram a mamãe?

JAILSON – Eu acabei de responder!

ESTHER – Mas é a minha pergunta!

JAILSON – Pode repetir a pergunta?

YASMIN – Não pode é responder a mesma coisa.

JAILSON – Isso está nas regras?

YASMIN – Sim.

ESTHER – Responde, pai! Ou eu vou te bater!

JAILSON – Mataram a mamãe, filha, porque a mamãe acordou cedo naquele dia e resolveu ir até a igreja buscar a bíblia que ela tinha esquecido na noite anterior. Mataram a mamãe porque a mamãe saiu de casa na hora errada, no dia errado e para fazer uma coisa que ela não precisava fazer de fato.

ESTHER – Acertou! Vai, Yasmin!

YASMIN – Pai, você se considera um homem religioso?

JAILSON – Eu sou um homem católico, mas não muito frequentador.

ESTHER – Já sou eu?!

JAILSON – Calma, Esther\

ESTHER – Pai, por que mataram a mamãe?

JAILSON – De novo?!

ESTHER – Não pode responder a mesma coisa, pai!

JAILSON – Filha... Mataram a mamãe porque, infelizmente, algumas coisas – mesmo parecendo um tanto erradas – mesmo assim elas acontecem. Mataram a mamãe, talvez, para que isso nunca mais venha a acontecer com ninguém...

ESTHER – Sua vez, Yasmin!

YASMIN – Esther...

ESTHER – Minha vez?!

YASMIN – Não, Esther. Eu quero te fazer uma pergunta.

ESTHER – E se eu não responder você vai me bater?

YASMIN – Sim\

ESTHER – Ih...

JAILSON – Mas é de brincadeira\

ESTHER – Deixa ela, pai\

YASMIN – Posso perguntar?

ESTHER – Estou pronta.

YASMIN – Irmã, por que mataram a mamãe?

Esther arregala os olhos, muda. Não sabe o que responder. Em seguida, começa a rir com intensidade.

ESTHER – Eu não sei responder essa pergunta...

YASMIN – Vou ter que te bater.

ESTHER – Ok!

Yasmin pega uma almofada. Esther treme de pé sobre o sofá. Jailson resabiado.

YASMIN – Vira de costas, Esther.

JAILSON – Para que isso?

YASMIN – Quero bater nela pelas costas.

JAILSON – Por que isso?

YASMIN – Para fazer igual fizeram na mamãe.

Esther vira de costas. Yasmin acerta uma pancada no centro das costas da irmã. Ela cai sobre o sofá. Jailson se precipita sobre a filha e a ergue. Esther ri, descontroladamente.

ESTHER – Ai, que nervoso, pai!

YASMIN – Como você não conseguiu me responder, irmã, eu pergunto de novo, tá?

ESTHER – De novo?

YASMIN – Só que dessa vez vou perguntar para o pai\

JAILSON – Tenta não repetir a pergunta\

YASMIN – Pai, se você pudesse resumir a mamãe numa palavra, qual seria?

JAILSON – Amorosa. Não. Em uma palavra, eu diria que a sua mãe era caridosa.

ESTHER – Minha vez!

JAILSON – Pergunte\

ESTHER – Irmã, por que mataram a mamãe?

YASMIN – Ótima pergunta\

ESTHER – Responde ou vou te bater\

YASMIN – Acho que você vai ter que me bater porque eu não vou te responder.

ESTHER – Eu vou te bater?!

YASMIN – Sim!

JAILSON – Vamos assistir a um filme?

ESTHER/YASMIN – Não!

Esther desce do sofá, pensativa. Coloca umas almofadas no chão, coladas ao sofá.

ESTHER – Deita no sofá, irmã.

JAILSON – O que você está aprontando, Esther?

ESTHER – Prometo que não vai machucar.

JAILSON – Eu posso te ajudar?

ESTHER – A Yasmin fechar os olhos e a gente vai empurrar ela em direção às almofadas que estão no chão.

YASMIN – Ai, meu Deus!

ESTHER – Pronta?

Yasmin fecha os olhos e é empurrada do sofá ao chão, caindo de cara nas almofadas.

YASMIN – Que nervoso!

ESTHER – Machucou?

YASMIN – Não, mas deu nervoso!

ESTHER – Viu, pai?

JAILSON – O quê?

ESTHER – A gente fez na Yasmin igual fizeram na mamãe.

YASMIN – Só que eu ainda estou viva.

ESTHER – É. Não foi tão igual assim.

Esther dá um abraço brusco na irmã. Jailson apoia as mãos na cintura e se afasta a certa distância das filhas. Elas ainda abraçadas. Ele sai da sala.

O FANTASMA – Hoje, minhas filhas, talvez por serem crianças ainda, elas conseguiram a façanha maior de todas: fazer seu pai compreender que a vida continua sempre, mesmo quando há morte. Eu sigo presente da forma como minha família me permite continuar viva. Se hoje é só assim que eu posso existir, por que não existir assim, da única forma que me é possível?

YASMIN – O pai está assustado porque a gente não para de falar da mamãe.

ESTHER – Qual é o problema?

YASMIN – Ele está tentando esquecer\

ESTHER – Da mamãe?!

YASMIN – Tentando esquecer que ela morreu.

ESTHER – Tem como?

YASMIN – Pois é. Eu disse a ele que não\

ESTHER – Por que ele quer esquecer?

YASMIN – Por que ele sente falta da mamãe, Esther.

ESTHER – Eu também sinto.

YASMIN – Eu também.

ESTHER – Mas você se esqueceu da mamãe?

YASMIN – Impossível, né?

ESTHER – Né? Impossível.

YASMIN – Mesmo morta, a mãe continua...

ESTHER – Igual fantasma\

Gritos! Jailson surge como se fosse um monstro, envolvido em cobertores e edredons, carregando mais almofadas e travesseiros. As filhas se assustam, mas depois começam a dar gargalhadas.

JAILSON – Querem brincar?

ESTHER – De monstro?

JAILSON – Não. Outro jogo. Chamado linchamento. É um jogo de adultos que consiste em bater numa pessoa sem precisar perguntar a ela coisa alguma. A pessoa não tem direito a responder nem a se defender\

ESTHER – Então qual é o sentido desse jogo?

JAILSON – Não tem sentido...

YASMIN – É o jogo que jogaram com a mamãe.

JAILSON – Exatamente...

ESTHER – Posso começar?

YASMIN – Esther vai ser a mamãe. Eu e você, pai, vamos linchá-la!

ESTHER – O que eu preciso fazer?

YASMIN – Finge que você é a mamãe. Ou seja: não faça nada.

ESTHER – Eu vou até o quarto e depois volto, passando por aqui como se tivesse indo buscar a minha bíblia na igreja. Aí no meio do caminho, vocês me atacam?

JAILSON – É isso...

Esther sai em direção ao quarto. Yasmin e Jailson pegam travesseiros, almofadas e se escondem. Esther ressurgue fingindo não se preocupar com nada. De súbito, uma almofada é lançada em sua cabeça. Ela cai sobre o sofá, apavorada. Pai e irmã mais velha lançam sobre Esther cobertores e começam a espancá-la. Gritos e urros. Um literal espancamento. Suor e lágrimas. Muitos risos e, por fim, brusco silêncio.

Desenrolando-se de um edredom, Esther ressurgue com a face avermelhada, as vestes amassadas, o coração veloz e um sorriso precoce de quem já entendeu o que não deveria.

ESTHER – Uau... Quem quer morrer agora?

Yasmin ergue a mão e se dirige ao quarto. Esther e seu pai se preparam e se escondem para o novo linchamento. Yasmin volta, desfilando em rua pública. Um primeiro golpe. E outros mais. Gritos, urros, literal surra. Yasmin sem ar. Suor, lágrimas e silêncio.

Retirando fiapos de pano presos no suor do corpo, Yasmin ressurgue com olhos intrigados e redondos, cara de quem conheceu a morte, mas continuou viva para contar história.

YASMIN – Eu morri! Eu acabei de morrer!

ESTHER – Agora é a sua vez, pai.

JAILSON – Eu queria antes que a Yasmin contasse para a gente todos os detalhes do vídeo que ela tanto assiste\

ESTHER – É o vídeo da mamãe brincando de linchamento, não é?...

Yasmin faz que sim com a cabeça, escondendo as lágrimas. O pai se retira da sala.

YASMIN – Uma mulher com pouco mais de trinta anos, usando um short jeans (que ela gostava muito e que tinha ganhado de presente das filhas e do marido) e vestindo uma camisa rosa (presente de sua mãe no Natal do ano retrasado). Não dá para saber o que ela calçava porque o vídeo já começa com a mulher sendo empurrada do alto de uma palafita em direção ao chão. Ela cai com o rosto no chão, mas não se mexe. Desde o início do vídeo, parece que a mulher já está morta. Um homem – outro homem, sem ser aquele que a empurrou ao chão – um homem pega um pedaço grande de concreto e o bate, com muita força, no centro das costas da mulher já caída ao chão. Ela já estava no chão, com o rosto beijando a terra, mas é como se fosse grampeada ainda mais em direção ao fundo. Depois eles arrastam a mulher para um espaço maior, ainda chão de terra batida. Outro homem – sempre um homem – outro homem puxa a cabeça da mulher pelos cabelos e a empurra de volta ao chão. Sempre a cabeça contra o chão, como se fosse um ritual, uma espécie de punição. E a mulher não faz nada. Até porque um homem – sempre outro homem – um homem vem com a roda dianteira de sua bicicleta e a passa por cima do pescoço estreito da mulher. Uma. Duas. Três. Três vezes, eu acho. Depois vem outro – homem – outro e amarra no pulso da mulher um fio, tipo uma corda, e a puxa, arrastando o corpo dela por alguns metros. Depois o vídeo acaba. Dias depois a mamãe morreria. E a gente sabe que a vida, ainda assim, continua. É esse o vídeo que eu vejo todos os dias repetidas vezes. É curioso. No vídeo, é possível ouvir muita gritaria. Mas só quem grita são mulheres e crianças porque os homens estão sempre ocupados em destruir as coisas todas.

O pai retorna à sala e é linchado pelas filhas. Seu linchamento ultrapassa a representação do espancamento da mãe e se torna uma surra de abraços, cócegas, lágrimas e risos; alguma paz possível. Restam, agora, os três caídos sobre o chão da sala.

O FANTASMA – Vejam: estão os três exaustos agora. É que um jogo exige muito. Tanto quanto uma vida. Minhas filhas parecem já saber disso. E se entreolham, porque suspeitam que eu esteja aqui\

YASMIN – Mãe?

ESTHER – Você está aqui?

O FANTASMA – Oi.

JAILSON – Ela nunca deixou de estar, meninas.

YASMIN – Deixa eu te ver, mãe?

ESTHER – Cadê?

O FANTASMA – Fechem os olhos, meninas.

JAILSON – Fechem os olhos.

YASMIN – Eu fechei.

ESTHER – Eu também, pai.

YASMIN – Você consegue ver a mamãe, pai?

JAILSON – Eu consigo. E vocês?

YASMIN – Eu consigo.

ESTHER – Eu também, pai.

O FANTASMA – Eu quero dormir com vocês.

JAILSON – Que tal dormirmos nós quatro – juntinhos – aqui no chão da sala?

ESTHER – A mãe pode ser uma flor, pai?

O FANTASMA – Posso.

JAILSON – Pode.

ESTHER – Pode ser um coelho?

O FANTASMA – Também.

JAILSON – Se você quiser...

ESTHER – Que divertido...

YASMIN – Pai?

JAILSON – Uma última pergunta?

YASMIN – A última. Eu juro... Por que mataram a mamãe?

Longo silêncio.

O FANTASMA – Diga a elas, Jailson. Mas não diga a resposta medrosa e já pronta. Dê a elas alguma coisa que as faça enxergar a vida da forma complexa como a vida é. Dê a elas, meu viúvo, algo que mesmo as desorientando, também as faça continuar...

JAILSON – Se eu contar, eu acho que vocês não acreditariam...

As duas meninas abrem os olhos, intrigadas, sentando-se ao lado do pai.

JAILSON – A mamãe morreu porque em nosso país – o Brasil – o governo investe pouquíssimo em cultura e em educação. Se houvesse mais investimento, um número maior de pessoas saberia fazer diferença entre uma difamação publicada nas redes sociais e uma notícia devidamente apurada e fundamentada; se houvesse – em nosso Brasil – interesse real em cultura e educação, as pessoas não sairiam por aí espancando as outras por causa de boatos que despertam seus preconceitos. Quem matou a mamãe foi o governo: federal (do Brasil), estadual (do estado de São Paulo) e municipal (da cidade de Guarujá). A mamãe nunca mais voltará, meninas. E isso é para sempre. Mas tem uma coisa que ainda não acabou e que nunca acabará: nós; aqueles que ficam, os que restam, aqueles que sobram. Nós podemos transformar um mundo inteiro, mudar todos os governos, todos os poderes, a mídia; nós podemos mudar tudo porque tudo é feito por gente e gente é isso o que nós somos. Será apenas por meio do desejo de mudar a nós mesmos – brasileiros e brasileiras – que alguma mudança institucional poderá ocorrer.

YASMIN – Eu não sei se eu entendi o que você quis dizer, pai.

JAILSON – E, mesmo assim, filha, mesmo sem entender, é preciso continuar dizendo.

O FANTASMA – E essa é a coisa mais linda de todas: o teatro; essa possibilidade de nos vermos – no palco – transformados e realizados. Ter vocês hoje aqui, meus amores, é partilhar o seu drama e fazer com que ele se torne comum para outras pessoas. Daqui onde eu estou – no teatro – é apenas isso o que eu desejo: que cada ser humano, num lampejo de lucidez, reconheça que dado esse caldeirão de ignorância e ódio que nos mistura, a próxima vítima poderá ser ele mesmo.

Todos já dormem. É a mãe quem apaga a luz da sala.